



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

VIAJANDO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SEM TIRAR O PÉ DO CHÃO

¹Maria Gilvania de Araújo Peixôto

²Geruza Rodrigues dos Santos Martins

³Siomara Marques Batista

⁴ Míria Helen Ferreira de Souza

¹ Professora da Escola Estadual Dom Jaime Câmara. Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: gil_apeixoto@hotmail.com

² Professora da Escola Estadual Hermógenes Nogueira da Costa. Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: muza_rodrigues@hotmail.com

³ Professora da Escola Municipal Francisco Morais Filho. Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: siomara.carneiro@hotmail.com

⁴ Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/Pedagogia/UERN. Orientadora. E-mail: miriahelen@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho trata de atividades de letramento que apresentam o mundo da escrita e da leitura à criança, de forma prazerosa: a “contaçoão de histórias”, já que esta a insere em um mundo mágico e desperta interesse pela linguagem. As histórias literárias contribuem com a ampliação do repertório de saberes da criança frente à compreensão de si e do mundo que se revela por meio da construção de textos resultantes dos contos que ouve ou lê. Esse artigo é um relato de experiência de ações de incentivo à leitura envolvendo a contaçoão de histórias de obras literárias. Constitui-se numa narrativa autobiográfica de experiências significativas intermediadas por uma professora que leciona na turma do 3º ano fundamental da Escola Estadual Dom Jaime Câmara, Mossoró/RN. O objetivo é analisar em que medida a contaçoão de histórias contribui para a formação de futuros leitores. No decurso da experiência foi possível compreender que não é de qualquer jeito que a história contada estimula à criança a interessar-se pelos livros e pela leitura. O sucesso desse quesito é percebido no tom dado à história no momento da contaçoão, na interação entre o contador e o ouvinte, na sensação que a história exerce sobre quem ouve e/ou conta. Com essa pesquisa foi possível constatar que a contaçoão de história é uma estratégia fundamental na formação do leitor porque atrai e encanta os leitores em formação, e isso permite o enriquecimento do processo educacional numa perspectiva que valoriza a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Contaçoão de história, Leitura, Formação do leitor.

INTRODUÇÃO

Contar histórias nas escolas, por vezes é vista como um meio para que a criança relaxe ou fique entretida. Mesmo com a emergência de discussões que contrariam a prática de olhar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a leitura como mero passatempo, em algumas instituições, essa postura continua até os dias atuais.

Estamos num tempo em que as novas tecnologias são acessíveis as mais diversas faixas etárias e isso tem aproximado as informações das crianças numa velocidade imensurável, e os livros que necessitam ser abertos para serem sentidos são deixados facilmente de lado, não que estes não sejam atraentes, mas é que precisam ser instigados a terem suas páginas reviradas e dado sentido às palavras silenciosas que neles ecoam. Nesse cenário, fazer com que as crianças despertem o gosto pela leitura torna-se um desafio cada vez mais constante.

A experiência do contato da criança com o livro de literatura e a mediação da leitura realizada de forma rotineira em sala de aula, desenvolve o desejo e a curiosidade de conhecer e fazer parte do mundo encantado da leitura e da imaginação. Por isso, a função mediadora do professor/contador de histórias é fundamental, uma vez que pode propiciar avanços no processo leitor de seus educandos já que envolve em um mesmo contexto a criança que, ainda, não consegue ler sozinha as palavras descritas nos contos literários.

O presente artigo trata-se da importância da contação de histórias para o ensino fundamental. Tem por objetivo relatar a experiência de uma professora contadora de histórias na turma do 3º ano fundamental na qual lecionou no ano letivo de 2015 na Escola Estadual Dom Jaime Câmara, localizada em Mossoró, estado do Rio Grande do Norte.

Foi feita opção pela narrativa autobiográfica já que esta se configura como instrumento de formação docente por intermédio de experiências (PASSEGGI, 2008). Olhar para dentro de mim possibilitou-me perceber minhas vivências como formativas. Isso tem concretizado o desejo de ser uma educadora que busca, por meio da literatura, ovacionar a vida como um espaço de saberes plurais. Essa prática baseia-se nas referências que considero significativas, dentre tantas, a concepção de que ouvindo histórias a criança descobre a si, ao outro e ao mundo.

Para dar credibilidade aos estudos realizados foram utilizados aportes teóricos de autores que discutem a temática, como Marly Amarilha (1997) que destaca a importância do conhecimento acadêmico e as práticas pedagógicas, Betty Coelho (1999) que dá um norte aos que têm desejo de serem contadores de história e Fanny Abramovich (1997) que vem tratar do imaginário despertado por meio de histórias contadas.

O artigo está estruturado da seguinte maneira. Inicialmente apresenta uma releitura teórica sobre a importância da contação de história e seu contributo à formação do sujeito leitor. Em seguida, expõe o relato de experiências da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

autora com a contação de histórias na sua sala de aula, dando ênfase ao seu papel de professora, contadora e formadora. Por fim, estão esboçados os grifos finais acerca da temática discutida.

ERA UMA VEZ...: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Segundo Amarilha (1997, p. 21) referenda que “a oralidade se constitui também em um dos atrativos da literatura na escola, pois cria um clima de comunidade em que todos estão envolvidos na mesma experiência imaginária”. É essa oralidade que permite que a criança tenha a compreensão dos fatos narrados, visite os lugares, entre nas cenas, enxergue as cores e as formas, encante-se com os personagens, mergulhe no fantástico e no mágico, presentes nas histórias. E é o contador quem introduz a criança nesse mundo encantado.

Vários estudiosos como Amarilha, Abramovich e Coelho, afirmam que a contação de histórias é um mecanismo de fundamental importância para o desenvolvimento sócio cognitivo, pois desenvolvem a linguagem oral e escrita, trabalham valores e atitudes, atuam na formação da personalidade, estimulam a criatividade, a oralidade e, sobretudo, incentiva o prazer pelo ato de ler.

A figura do “contador de histórias”, que traz de volta o antigo costume retirado das conversas nas calçadas nas noites de lua, das tradicionais histórias contadas pelos avós reacende o encantamento pelas narrativas agindo diretamente no educacional e emocional das crianças. Resgatar esta prática simboliza uma estratégia de suma importância para a formação de novos leitores já que passa diretamente pelo ato de ouvir e recontar histórias.

As narrações invadem a vida da criança em todo o seu desenvolvimento, vai desde a doce voz materna ouvida ainda no ventre, e prossegue nas canções de acalanto, vão seguindo dando lugar às cantigas de roda, hoje quase em desuso devido particularidades do mundo moderno, mas sendo retomadas nas escolas, local onde as narrativas residem mais ativamente e onde a criança vai demonstrando seu interesse quando interage com risos, palmas, sentindo medo ou imitando algum personagem da narrativa. Abramovich (1997) diz que ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso que provoca o interesse das pessoas em todas as idades. Se até mesmo os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

A contação de histórias também é importante para as crianças que já dominam os procedimentos de leitura, pois segundo Abramovich (1997, p.23) "quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sentindo enorme prazer em ouvi-las". As crianças maiores que são motivadas a ler ou que em sua rotina a contação é algo constante, possuem imaginação aprimorada, pois ouvir histórias estimula o ouvinte a criar e recriar, pensar, desenhar e escrever a história que produz espontaneamente a partir do que ouviu. É preciso compreender que uma criança que não é estimulada a ler ou ouvir histórias, corre o risco de ser um cidadão pouco crítico, insensível e incapaz de compreender as diferentes realidades em que está inserida.

O uso da contação de histórias como estratégia de ensino em sala de aula abrange várias possibilidades, pois além de ser fonte de entretenimento, diversão e prazer, atinge outros objetivos, tais como: sensibilizar, encantar, educar o ouvir, socializar, desenvolver atividades cognitivas, despertar para o prazer da leitura. Com todas essas qualidades a contação vai ser sempre uma carta na manga que o professor terá para fazer com que as crianças tenham boas experiências com a leitura. Em outras palavras, a contação de histórias vai ser sempre um instrumento de peso para a formação leitora na infância. Betty Coelho (1997, p 12) afirma que "a história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias"

Tomando como base o postulado da autora supradita, ao utilizar a contação em sua prática, o docente permite que todos saiam ganhando, tanto ele, já que as aulas serão criativas, agradáveis e produtivas; quanto os alunos, que serão instigados a mergulhar na imaginação e na fantasia que o contexto da história produz e, ainda nas descobertas e aprendizagens significativas e sobretudo prazerosas advindas da aproximação com o livro.

Contar histórias seduz o ouvinte e o convida a se apaixonar por mundos cheios de segredos a serem revelados em cada página que vira, em cada palavra proferida, em cada tom de voz cantado, pois essa arte que tem como eixos fundamentais para a formação de leitores é o lúdico e o prazer, constitui fonte inesgotável de emoção e conhecimento.

O apoio nos discursos teóricos que sustentam a veracidade da contação de histórias como caminho para a aquisição de saberes que ajudam a viver, associado à vivência como educadora suscita ao seguinte questionamento: Por que não resgatar essa magia da contação de histórias em sala de aula?

É notório que o professor tem, atualmente, em seu poder uma imensidão de recursos literários, portanto, é inconcebível não fazer com que as crianças tenham contato com essa riqueza e, sobretudo, com que elas percebam que o que compõe uma história narrada num livro foi criado para ser compartilhado, vivido, como também, leva-as a refletir sobre assuntos que fazem parte do próprio viver. Chegar a essa



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

constatação corrobora a formação intelectual e emocional de qualquer sujeito. Das histórias ouvidas podem ser retirados ensinamentos e atitudes que vão ser levados para as suas vidas. Isso se respalda no posicionamento de Coelho (1999, p. 35) ao dizer que “a narrativa da história termina, mas suas ressonâncias podem perdurar para sempre, é claro que isso depende muito do quanto cada história toca interiormente em cada um daqueles que a ouvem”.

A experiência como docente tem sinalizado que uma das tarefas mais difíceis na formação do aluno leitor é ajudá-lo a encontrar um sentido para sua própria existência, no entanto, até nisso a contação de história atua de forma direta, pois, se o sujeito for tocado como pontua Coelho (1999), toma conhecimento das regras da sociedade, daquilo que é lícito ou não, descobre que punições ou elogios estão diretamente ligados as consequências de suas atitudes e, assim vai tomando consciência dos seus atos e aprendendo a pensar melhor sobre si, sobre os outros, sobre as coisas.

O bom contador de histórias é aquele que se entrega e encanta-se com essa arte que não é exclusiva da Educação Infantil ou dos Anos Iniciais, pois, literatura não tem idade. A consciência de tal pressuposto impele a reflexão de que planejar estabelecendo sempre os objetivos pretendidos para com a história escolhida, respeitando o gosto da turma, o interesse dos alunos-ouvintes, e acima de tudo, estudar e conhecer bem a história que vai ser contada, são elementos que fazem a diferença. Sobre isso Coelho (1999 p, 31) aponta que “estudar a história significa também escolher o recurso mais adequado de apresentá-la e quais as atividades posteriores à contação de história poderiam ser trabalhadas pelos alunos, pois a história não acaba quando chega ao fim”.

A autora aconselha, ainda, que “sempre que possível, convém propor atividades subsequentes. As chamadas atividades de enriquecimento ajudam a “digerir” esse alimento num processo de associação a outras práticas artísticas e educativas (COELHO, 1999, p. 59) “Sempre que possível, convém propor atividades subsequentes. As chamadas atividades de enriquecimento ajudam a “digerir” esse alimento num processo de associação a outras práticas artísticas e educativas”.

O professor que reveste-se na roupagem de contador de histórias torna-se um propagador de encanto e magia, pois empresta às histórias que conta, o seu riso, voz, corpo e alma para dar vida aos personagens e por amor aos ouvintes, por isso, precisa ser apaixonado pela leitura. Com o intuito de fazer com que o aluno/ouvinte mergulhe na história de uma forma que passe até a fazer parte dela é preciso que o contador esteja apropriado da história ao ponto de fazer com que pareça que já viu ou viveu todos aqueles fatos contados, criando momentos de surpresas, suspenses, dando pausas e



intervalos para verificar o efeito que está tendo sobre a turma. Conforme Abramovich (1997, p. 21) “é necessário respeitar o tempo para que o imaginário dos ouvintes possa construir o seu cenário e visualizar tudo o que está sendo narrado, ou seja, viajar no mundo mágico da imaginação.”

Outro importante ponto para uma boa contação é a organização do espaço ou dos materiais que vão ser usados para que esse momento aconteça realmente de forma prazerosa e confortável. Se for em sala de aula, deve-se enchê-la de magia. Os objetivos só serão alcançados se o contador souber conduzir bem cada momento, para tanto, é premente respeitar que era uma vez nem sempre termina com um final feliz, mas o seu papel de mediador de histórias necessita empreender esforços para que aqueles que o ouvem vivam de modo harmônico, os sentimentos retratados em sua fala e ações.

OUVIR HISTÓRIAS: AS SURPRESAS EXPERIMENTADAS ENTRE A MAGIA E A REALIDADE

É consensual nos postulados dos autores que discursam sobre a temática em evidência neste trabalho que a contação de história transfere o leitor/ouvinte aos meandros das experiências imaginativas. Viver a interação que brota da relação entre o contador, o ouvinte/leitor e a narrativa fortalece vínculos afetivos, sociais e educativos.

Foi com o intuito de ampliar horizontes e saberes que essa pesquisa surgiu. O lócus investigado foi a turma do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dom Jaime Câmara, que faz parte da rede básica estadual de ensino, localizada na periferia da cidade de Mossoró. É uma escola de pequeno porte, constituída de cinco salas de aula dos Anos Iniciais e funciona nos turnos matutino e vespertino. A clientela é basicamente formada por crianças que moram nos arredores da escola. A turma onde ocorreu o processo investigatório contempla um número de 25 alunos.

Por ser uma professora leitora, e por entender que ler só se aprende lendo, como roga (FREIRE, 1989), resolvi desenvolver estratégias para despertar nos meus alunos o interesse pela leitura e vi, na contação de histórias, uma forte aliada para alcançar esse objetivo. Sempre chamou-me a atenção aulas movimentadas onde os alunos pudessem ser agentes ativos e transformadores do seu próprio conhecimento. Outro fator era entender o porquê das crianças chegarem aos anos finais do Ensino Fundamental e ainda não dominarem os procedimentos de leitura. Essa inquietação caminhou comigo até implantar, de forma rotineira, na minha sala de aula momentos de contação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de histórias para viciar às crianças a adentrarem o mundo encantado da leitura, como ressalta bem Fanny Abramovich (1991), quando diz que: “ler não pode ser hábito, tem de ser vício. E contar histórias, ler para as crianças, ajuda a “viciá-las”

Em consideração aos apontamentos de Coelho (1999) que alerta sobre a importância de elencar recursos preciosos no ato de contar histórias criei a boneca “Sarita” que visitava cotidianamente a sala de aula e trazia do mundo da fantasia histórias que iam ganhando vida no seu jeito sapeca e envolvente de falar sobre os encantos dos lugares que visitou, dos personagens com os quais conviveu, da poesia mágica que a envolveu. Esta personagem envolvia a todos os educandos com gestos, vozes, caras e bocas de personagens, como sendo uma forma de alimentar o imaginário das crianças em relação as histórias contadas, lidas e encenadas, despertando o gosto e o interesse por esses momentos.

Com esse personagem encantado busquei tocar o imaginário e o emocional das crianças, e por diversas vezes os contos que narrava tratavam de valores que deveriam fazer parte das nossas vidas, tais como respeito, amizade e obediência, entre outros, sem a obrigação de querer induzir obrigatoriamente o ouvinte/leitor a isso, mas, de modo encantado apontar os caminhos que levam o sujeito a viver bem na coletividade.

A hora da contação ou “leitura deleite”, como foi denominado esse momento, era realizada no início ou no fim de cada aula e, a Boneca Sarita visitava a sala, geralmente, no último dia da semana. A apresentação não acontecia somente em sala de aula, pois esta limitava muito os alunos, se estendia ao pátio, muitas vezes como se fosse um grande evento, somando ao fator surpresa, pois os alunos nunca sabiam quais os recursos didáticos que a boneca usaria para narrar as histórias, se fantoches, dedoches, cartazes, se só encenaria ou cantaria. A boneca sempre trazia uma surpresa que os encantava e o envolvimento e participação era sempre mais que o esperado.

Ao fim de cada contação o gênero textual tratado era retomado na sala para ser feito releituras, interpretações, produções, estudos gramaticais. Esses momentos tinham como objetivo central instigar as crianças sedentas, curiosas, críticas, reflexivas e em constante processo de busca a descobrirem as inúmeras facetas que a leitura contada, lida ou ouvida têm.

No decorrer das aulas, variados gêneros textuais eram espalhados na sala de forma que as crianças pudessem escolher o que queriam para folhear, ler e sugerir próximas histórias a serem contadas.

Outra atividade prazerosa é a brincadeira da “bibliotequinha”, na qual é escolhido um aluno para ser o bibliotecário. Este seria o responsável



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pela entrega dos livros, por ajudar na escolha de obras literárias aqueles que ainda não dominam o processo leitor, por ler para as crianças que ainda não dominam as palavras escritas, bem como, sugerir os livros que já leu à outras crianças, contando um pouco da história.

A dinâmica de atividades em que a leitura deixa de ser um emaranhado de palavras presas num pedaço de papel e assume a função lúdica acrescenta, ao leitor em formação, possibilidades de viverem os sentidos que emanam das narrativas descritas nos aportes literários.

Na hora da contação, as crianças dispunham da liberdade de escolha dos livros, como também do espaço da sala, já que eram retiradas as carteiras, assim elas podiam sentar/deitar no chão, formar grupos (ou não). Eram instantes, considerados primorosos, pois os alunos que já sabiam ler, interagiam com os que ainda não dominavam a leitura cuidando para que, ninguém se sentisse excluído. Essa ação diante da leitura confirma o ideal de que ler é um ato de inclusão (AMARILHA, 1997).

É interessante perceber que os alunos que veem a professora contando a história soltam as amarras tentando imitá-la. Isso culmina na aproximação com o texto literário e, conseqüentemente, induz o sujeito a sentir-se parte do contexto da história. Esse ensaio minimiza a mera condição de ouvinte e transporta o educando à condição de leitor e contador.

Para ler histórias é bom saber como se faz, do contrário, teremos uma criança que desenvolve pavor pelos livros ou acha a atividade de ler enfadonha e tediosa, uma vez que, “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor e ser leitor é ter um caminho de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1999, p. 16).

Partindo do pressuposto de que ler ajuda a entender o universo, fui percebendo gradualmente que desenvolvia um trabalho diferenciado, e que a partir desse, outros foram ganhando forma. Todos os dias a hora da contação era muito esperada. O livro utilizado naquele dia ganhava lugar especial nos olhos das crianças e passava ser o mais desejado. Todos queriam ver, tocar e folhear o livro da história que foi contada e isso significava o resultado de um trabalho docente pautado num investimento nas necessidades do alunado.

Outro motivo que me fez enveredar por esses caminhos foi a constatação a qual cheguei ao longo de 25 anos de docência. Descobri que a medida em que usava a contação de histórias nas aulas, os momentos da leitura deixaram de ser vistos como chatos e sem graça e se transformaram em algo esperado. Uma oportunidade de interagir com os outros que estão ao redor, de vislumbrar as belezas de lugares inabitados,



de viver imaginariamente sonhos secretos, de encontrar fragmentos da própria vida escritos por sujeitos desconhecidos e, todos esses achados instigavam o alunado a querer livros para levar para suas casas.

O que para mim ficou marcado foi perceber que a partir de uma simples contação de histórias, todas as aulas ganharam um colorido diferente, pois as aulas das demais disciplinas, como história, geografia e ciências, não eram mais dadas do mesmo jeito, já que o ritmo da contação foi adicionadas a elas que, assim, ganharam um tom diferente. O interesse e desempenho da turma também passou a ser outro, pois suas sensibilidades foram educadas.

As atividades envolvendo a contação trouxeram como contribuições para os pequenos aprendizes de leitor um olhar diferente e mais atento, o silêncio voluntário e ressonante e um interesse à flor da pele, percebido na participação durante todas as ações realizadas antes, durante e depois de cada contação. O exercício de compreender o que fora ouvido de modo autônomo e espontâneo singrava no despertar, da criatividade que reside em cada criança.

Livres para redesenharem as histórias conforme seu entendimento em folhas de papel dispostas na sala de aula esperando para serem preenchidas (ou não) com desenhos que representavam situações novas às histórias apresentadas, era possível observar como internalizavam as palavras e sentidos que ouviram durante as contações, quais contextos consideravam mais importantes e, especialmente, quais sentimentos emanavam das situações que se presentificaram na narrativa

Era perceptível que o contato carinhoso com as crianças harmonizava e descontraía e que elas ficavam muito mais à vontade para partilharem momentos de suas vidas retratados nas histórias. Nesse processo, a contação de histórias, por meio das narrativas literárias descritas nos livros, cumpre o seu papel de invadir o íntimo do ser e condicionar o ato de aprender como objeto de satisfação pessoal.

E TODOS FORAM FELIZES PARA SEMPRE: PALAVRAS QUE NÃO SÃO FINAIS

Contar histórias é uma ação que revela um turbilhão de sensações que vão aparecendo no decorrer de cada narração. Os olhos ansiosos na expectativa do que está por vir confundem o silêncio com as batidas dos corações sedentos por viajarem pelas emoções sem saírem do lugar e sonhar mesmo estando acordados.

Esta pesquisa veio confirmar que a contação de histórias propicia momentos mágicos que ajudam na formação reflexiva e crítica das crianças nos anos iniciais porque mexem com o mundo de dentro de cada sujeito.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

De acordo com o estudo dos autores que respaldaram constatei que a criança necessita de momentos lúdicos no ambiente escolar onde sejam respeitados seus sentimentos, contextos sociais e em especial suas particularidades, já que a escola é um lugar de construção e reconstrução de saberes, por isso, deve dar a devida atenção aos momentos de contação de histórias, que libertam as crianças das amarras do medo, da timidez, bem como, contribuem diretamente na aprendizagem leitora.

Essas atividades intermediadas por meio da boneca Sarita remeteram a compreensão que contar histórias não é jogar palavras ao vento, ou mostrar figuras ilustrativas, ou simplesmente fazer as crianças rirem. Contar histórias vai além de momentos de lazer porque desperta curiosidades, constrói saberes e, principalmente, atua diretamente no desenvolvimento do imaginário de forma lúdica. Enquanto ouve histórias a criança vai internalizando ideias, elaborando conceitos e aprendendo valores morais e éticos para edificar suas personalidades. O universo da leitura contada, lida ou ouvida tem o poder de imprimir marcas que ficarão eternamente tatuadas na vida do ouvinte/leitor.

É consensual que para a criança desenvolver o gosto leitor deve ser motivada, assim o processo de leitura deve ocorrer de forma agradável. O incentivo pode vir primeiramente com as contações de histórias, que enriquecem e dão vida aos textos e deixam um “gostinho de quero mais”, no entanto, deixar as crianças manusearem materiais como: livros, revistas, gibis, jogos, entre outros, possibilitam que as mesmas aprendam a ler, escrever, interpretar, criar e recriar de forma divertida e prazerosa e com autonomia.

O ato de ouvir e ler não tem limites, isso faz com que a criança seja capaz de ler o mundo com os olhos do autor, com os olhos de quem conta e também com sua própria imaginação. Todas as crianças possuem seu próprio mundo e nele guardam seus sonhos e fantasias, no entanto, considero que o professor/contador tem o potencial de instigar a abertura das portas desse mundo secreto e revirar os sujeitos que nele reside.

De tudo isso concluo que a leitura é a trilha que possui a fonte de saber e de autoconhecimento e a contação de histórias é um grande caminho para que esse encontro se formalize mesmo que não sejam tirados os pés do chão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

COELHO, Betty. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 1999

FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador**. In: M. C. Passeggi (Org.). **Memórias, memoriais: Pesquisa e Formação docentes** Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2008, pp. 43-58.